



## » Entrevista | SUHAIL SHAHEEN

Porta-voz do Talibã destaca avanços durante os quase cinco meses de governo do regime fundamentalista, jura respeitar os "direitos sagrados das mulheres", fala sobre o Estado Islâmico e convida países a investirem no Afeganistão

# "Fomos capazes de ganhar corações e mentes"

» RODRIGO CRAVEIRO

Foi um terremoto avassalador que sacudiu a geopolítica. Uma década depois de os Estados Unidos e as forças da coalizão bombardearem o Afeganistão e retirarem do poder o Talibã, a milícia fundamentalista islâmica retornou ao palácio de Cabul em 15 de agosto de 2021, depois que o presidente, Ashraf Ghani, fugiu do país. Dias depois, os EUA montaram um operativo gigantesco para retirar diplomatas, cidadãos e militares do território afegão. Quase cinco meses depois, Suhail Shaheen, porta-voz do Talibã, falou com exclusividade ao Correio, por telefone. Fluente em inglês e educado na Universidade de Cabul, Shaheen editou o jornal Kabul Times durante o primeiro governo do Emirado Islâmico do Afeganistão — como o Talibã se intitula —, entre 1996 e 2001. Durante a entrevista, o porta-voz garantiu que os primeiros meses do novo

governo foram "repletos de conquistas" e citou o restabelecimento da ordem e da segurança. Ele também assegurou que os talibãs estão "comprometidos com todos os direitos sagrados das meninas e mulheres" e citou a educação e o trabalho. Ao ser questionado sobre a adoção da pena de morte e de execuções públicas, Shaheen tergiversou: "Como o povo do Afeganistão é muçulmano, ele tem suas leis islâmicas", disse. O talibã também falou sobre o receio da comunidade internacional de o grupo estabelecer laços com grupos jihadistas, inclusive a rede terrorista Al-Qaeda, a qual abrigou e forneceu apoio antes dos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York e em Washington. Shaheen instou o Ocidente a investir no Afeganistão e disse que todos os países independentes precisam reconhecer o direito do povo afegão em ter um novo governo.

Dimitar Dilkov/AFP



### Como o senhor analisa os quase cinco meses de governo talibã no Afeganistão?

Os primeiros meses de novo governo foram repletos de conquistas. Nós mantivemos uma ordem de segurança em todo o país. As pessoas estão livres para viajar de uma província a outra. Colocamos um fim aos sequestros. Antes, as pessoas não podiam caminhar pelas ruas, pois corriam o risco de serem alvos de bandos armados e de ladrões. Aquele tempo acabou. Vivemos nova fase de segurança. Nós temos enviado delegações a outras nações e tentado atrair investidores para aplicarem dinheiro nos recursos naturais do Afeganistão. Nós anunciamos o pagamento dos salários de todos os funcionários públicos, os quais estavam atrasado havia três meses. Também desenvolvemos um engajamento bastante frutífero com a comunidade internacional. As pessoas estão unidas, em apoio ao governo. Fomos capazes de ganhar os corações e as mentes das pessoas das áreas rurais e mesmo das cidades. Este é um tempo em que experimentamos sanções muito duras e problemas econômicos. Nossos bancos não estão funcionando. Fomos capazes de fornecer serviços ao nosso povo com nossa receita interna.

### O mundo parece temeroso dos retrocessos do Afeganistão no campo dos direitos humanos...

Estamos comprometidos com todos os direitos sagrados das meninas e mulheres, incluindo o direito de

acesso à educação e ao trabalho. Não temos problema com isso. As garotas frequentam as escolas de ensino médio e universidades particulares. Em muitas províncias, temos trabalhado para que essas escolas também funcionem nos próximos meses. Um decreto foi assinado por nosso líder supremo (Haibatullah Akhundzada), segundo o qual todos os direitos são dados às mulheres, incluindo o direito à herança e o de escolher o marido. Elas poderão empreender. As mulheres também não serão compelidas a casar sem seu consentimento. Não temos problema com as mulheres recebendo educação ou trabalhando, mas, como muçulmanas, elas têm que observar o uso do hijab (véu islâmico).

### Vocês restaurarão a pena de morte e as execuções públicas?

Como o povo do Afeganistão é muçulmano, ele tem suas leis islâmicas, que se baseiam na justiça. Elas serão estabelecidas com base nas aspirações dos afegãos. Temos um sistema judicial dotado de tribunais primários, de uma Suprema Corte e de uma Corte de Cassação. Uma pessoa poderá apelar à Suprema Corte e, se não estiver satisfeita, recorrer à Corte de Cassação. É um sistema bastante justo, baseado na sharia (lei islâmica).

### O uso da burca está descartado pelo Talibã ou vocês exigirão um código de vestimentas mais rígido?

A burca não é um véu imposto às mulheres. Elas podem escolher entre

a burca e qualquer tipo de véu. Não é obrigatório que a mulher afegã tenha uma burca. Ela pode optar pelo hijab. A burca não é compulsória.

### Especialistas temem que o Talibã possa manter laços com a Al-Qaeda e com outros grupos jihadistas...

Sob o Acordo de Doha, nós nos comprometemos a não permitir que ninguém use o território do Afeganistão para planejar ataques contra os EUA ou contra seus aliados. Isso é um compromisso nosso. É nossa política e nossa lei. Nós queremos anunciar ao mundo que estamos cumprindo com o nosso compromisso. O outro lado também tem obrigações a serem implementadas pelo Acordo de Doha. Eu me refiro aos EUA, que precisam remover os nomes dos membros do Emirado Islâmico do Afeganistão da lista negra e da lista de recompensas. Também têm que retirar as sanções impostas ao povo do Afeganistão. Nossa população enfrenta uma crise humanitária por causa dessas sanções.

### O Talibã considera o Estado Islâmico (Daesh) um inimigo?

O Estado Islâmico começou a lutar contra nós nas províncias do leste e do norte do Afeganistão, enquanto o nosso país seguia sob ocupação dos EUA e de seus aliados. Naquela época, de um lado, lutávamos contra os invasores e os ocupantes; de outro, contra o Estado Islâmico. Nós limpamos este

grupo de todas as províncias afegãs. Não há mais presença do Estado Islâmico em solo, no país. No entanto, eles realizam pequenos e esporádicos incidentes aqui e ali, mas não são capazes de lançar ataques massivos ao país. Nós continuaremos a combatê-los, pois causam insegurança na nação. Nossas forças são totalmente capazes de enfrentá-los e de manterem a segurança no Afeganistão.

### Desde a ascensão do Talibã ao poder, quais os principais ganhos diplomáticos alcançados por vocês?

Desde o estabelecimento de nosso escritório político em Doha, nossa façanha diplomática foi o Acordo de Doha. Sob ele, firmamos negociações com os EUA, por 18 meses, para encerrar a ocupação do Afeganistão. Conseguimos um pacto assinado na presença de observadores internacionais. Com base nele, as forças americanas saíram do Afeganistão. Também nos engajamos com vários países, aos quais explicamos nossa política. Temos boas relações com a China e com a Rússia. Ambos podem ser bons parceiros em termos de cooperar com o novo Emirado Islâmico do Afeganistão em diferentes áreas, como educação, investimentos, infraestrutura, e na construção do país.

### Que mensagem enviaria às nações que insistem em não reconhecer o Talibã no governo do Afeganistão?

Todos os países que permitem a liberdade e a independência costumam questionar o reconhecimento do novo governo do Emirado Islâmico do Afeganistão. Esse governo é do povo do Afeganistão, que se opôs aos invasores e ocupantes por duas décadas, e foi bem-sucedido. Todos esses países independentes deveriam reconhecer o nosso governo. Ao mesmo tempo, nós os saudamos a fazerem investimentos no país e a realizarem projetos econômicos. Temos recursos naturais, minérios. Venham e invistam no nosso país. Queremos manter boas relações com todos. O Afeganistão é uma realidade. Eles podem reconhecer essa realidade. Estamos dispostos a resolver qualquer problema que por ventura existir, por meio da boa conversa e do entendimento.

### Qual é a sua perspectiva para o Afeganistão em 2022?

Tivemos altos e baixos nos últimos 20 anos. Cinquenta e quatro países, liderados pelos EUA, invadiram o nosso país. Foi um grande problema que enfrentamos, a luta contra a ocupação e a liberação de nossa nação. Esperamos ser capazes de transportar obstáculos, incluindo os econômicos. Os países que desejam ser protetores dos direitos humanos não deveriam punir o povo do Afeganistão por causa de seu governo. Seria muito injusto se essas nações quisessem se vingar da população afegã por ter um Emirado Islâmico no poder. É preciso separar a política de assuntos humanitários.

## ÁFRICA DO SUL

# O adeus a Desmond Tutu

Sob um céu cinzento e uma garoa fina, familiares, amigos e muitos religiosos despediram-se do arcebispo Desmond Tutu, falecido aos 90 anos. A missa de réquiem, na catedral anglicana da Cidade do Cabo, onde pregou incansavelmente contra o regime racista do apartheid, permitiu que os sul-africanos dessem adeus ao amado líder.

"Papai diria que o amor que todos demonstraram é reconfortante", disse sua filha Mpho aos participantes. "Agradecemos por vocês tê-lo amado tanto." O presidente Cyril Ramaphosa fez um elogio fúnebre após a comunhão e entregou à viúva de Tutu, Mama Leah, como os sul-africanos a chamam afetuosamente, uma bandeira nacional.

O arcebispo, que morreu em 26 de dezembro, queria uma cerimônia simples e havia descrito em detalhes a missa que desejava. O caixão em que

permaneceu na Catedral de São Jorge nos dois dias anteriores, para que milhares de pessoas pudessem vir homenagear sua memória, foi feito de pinho claro. Ele havia pedido "o mais barato possível", em um país onde os funerais costumam ser uma demonstração de opulência.

Para o seu funeral, o pastor Tutu escolheu, como última mensagem, a passagem do Evangelho segundo João em que Jesus se dirige aos seus discípulos depois da última ceia. Uma mensagem de amor. "Meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei."

### Apartheid

Desmond Tutu foi considerado a consciência moral da África do Sul, uma pessoa que ajudou a derrubar o

apartheid e depois empregou sua energia a serviço da reconciliação do país e dos direitos humanos. Até o fim da vida, o arcebispo anglicano emérito, vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1984, impôs sua sinceridade para denunciar injustiças e os excessos do poder, independente do alvo da crítica.

Tutu nunca deixou de criticar o governo sul-africano, incluindo o Congresso Nacional Africano, que lutou contra o regime racista do apartheid e que administra o país desde 1994. Os grandes temas internacionais também não escaparam de suas críticas. Ele atacou a Igreja para defender os direitos dos homossexuais, defendeu um Estado palestino e afirmou que o ex-presidente americano George W. Bush e o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair deveriam ser julgados pelo Tribunal Penal Internacional de Haia pela guerra do Iraque.

RODGER BOSCH / AFP



Admirador despede-se do líder em frente à Catedral de São Jorge